

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANÚNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NÚMERO AVULSO 20 RS., C/ 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NÚMERO 7.

Aveiro

CLERICALISMO E PULHISMO

Dissémos no ultimo artigo que bastava attentarmos na sociedade que nos cerca para reconhecermos o valor moral, scientifico, litterario, politico, industrial e artistico da influencia religiosa, e principalmente do catholicismo ou da Igreja de Roma. Bastaria isso. Mas para que o quadro fosse completo, e assente em bases sólidas, sob esse ponto de vista, a educação popular a que nós mirámos, porque é para o povo que nós estamos escrevendo, para o povo que não sabe ler os grandes livros de sciencia e para todos que não os podem ler, para essa grande classe trabalhadora e honesta, a que servirão de conforto e deleite estas vastas referencias e fartas licções de sciencia e historia, torna-se urgente que voltemos os olhos uns seculos atraz e que folheando a correr as paginas da historia, lhe mostremos o quadro da influencia clerical no mundo com todas as suas côres vivas e profundamente humanas. Sirva-nos de guia um livro primoroso, dos que mais renome adquiriram no mundo, dos mais rigorosos nas suas observações e mais verdadeiros e frios na analyse, — *Os Conflictos da Sciencia e da Religião* — de Jonh Draper, que traduziremos em parte e resumiremos em pouco.

Encaremos hoje a acção religiosa só pelo lado scientifico e vejamos os fructos que nos deu. O catholicismo não representa mais que uma fusão do christianismo com o velho paganismo, como veremos quando o encararmos pelo lado da sua influencia politica no mundo. No começo o christianismo foi simples e bom limitando-se a prégar tres principios ou tres formas essenciaes: — o respeito de Deus, a pureza da vida e a caridade com os homens, com os nossos irmãos. Porém, logo que começou a crescer em numero e força, começou a manifestar tendencias politicas, despoliticas e absorventes.

Era natural que na fusão surgissem dissidencias. Assim foi. O paganismo era composto de muitas das velhas familias patricias do imperio romano e contava nas suas fileiras os mais celebres discipulos das velhas escolas philosophicas. Olhava os seus aliados, mas adversarios em doutrina scientifica, com desdem, sustentando que a sciencia não se podia adquirir senão pelo laborioso exercicio da observação e da razão humana.

O partido christão, pelo contrario, declarava que o fundamento de toda a sciencia estava nas scripturas e na tradição da Igreja; que na revelação escripta, Deus não só nos concedeu um criterio de verdade mas ainda nos ensinou tudo o que elle queria fazer-nos saber. As escripturas continham, pois, toda a summula dos conhecimentos necessarios.

O clero, sustentado pelo imperador Constantino, não admittia rivalidades em negocios intellectuales.

Assim se estabeleceu no mundo o que se chamou a sciencia sagrada e a sciencia profana; assim se encontraram em presença dois partidos adversos, um que tomava por guia a Razão e o outro a Revelação. O Paganismo appellava para o saber dos seus philosophos; o Christianismo para a inspiração dos seus padres.

A Igreja tornou-se depositaria e arbitro de toda a sciencia. Estava sempre prompta a servir-se do braço secular para tornar obrigatorias as suas decisões. E d'esse modo traçou uma linha que fixou o seu papel futuro no mundo; tornou-se o trambolho de todo o progresso da Europa durante mais de mil annos.

Era pois inevitavel um choque entre os dois exercitos inimigos. A guerra estava declarada.

No Egypto rebentou uma disputa renhida sobre o mysterio da Trindade, mysterio de que o paganismo troçava. A disputa tornou-se violenta, reuniu-se por esse motivo o concilio de Nicéa e viu-se obrigado a intervir o imperador. Eram as primeiras escaramuças.

Depois Theodosio instituiu os inquisidores da Fé e ordenou que quem não pensasse como Damasio, bispo de Roma, e Pedro, bispo de Alexandria, fosse condemnado a desterro e privado dos seus direitos civis. Ao mesmo tempo principiava-se a esquecer o grego no Occidente e a verdadeira sciencia ia-se extinguindo.

Mais tarde, era um certo Theophilo bispo d'Alexandria. Sendo dado aos christãos um antigo templo d'Osiris para no mesmo local construirem uma igreja, succedeu encontrarem-se nos alicerces do novo edificio alguns symbolos obscuros do antigo culto. Theophilo, com mais zelo que pudor, mandou-os expôr no mercado para irritação do publico. Os pagãos revoltaram-se e estabeleceram o seu quartel general no Serapião. O imperador mandou a Theophilo que destruísse esse monumento, de sorte que a grande e famosa bibliotheca, reunida pelos Ptolomens e que tinha escapado ao fogo de Julio Cesar, foi em parte aniquilada, em parte dispersa por um bispo fanatico.

Foi a primeira brutalidade do clero christão. D'ahi por diante seriam sem conta as selvagerias d'esses barbaros horrendos.

A cadeira de Theophilo foi em seguida occupada por seu sobrinho Santo Cyrillo. Este homem era natural como orador. Porém o seu prestigio ficava na sombra perante o prestigio da famosa Hypathia, a mathematica celebre, que se distinguia, não só pela sua *Exposição da doutrina de Aristoteles e de Platão*, mas também pelos seus commentarios aos escriptos d'Appollonio e outros geometras. Todos os dias estacionavam longas filas de trens á porta da sua Academia. As salas das suas conferencias estavam cheias de tudo o que Ale-

xandria contava de mais eminente e fidalgo.

Hypathia e Cyrillo! A philosophia e o beaterio! Estas duas coisas não podiam coexistir. Cyrillo reconheceu-o e procedeu n'esse sentido. Um dia que Hypathia se dirigia á sua Academia foi assaltada pelos sicarios de Cyrillo, frades na sua maioria, despida, arrastada á igreja, o seu corpo cortado em boccados, a carne arrancada dos ossos e o resto queimado.

E eram ministros de Deus, e foi santo, aquella besta!

Assim morreu, ás mãos do clero, em Alexandria a philosophia grega. Assim desapareceu esse grande poder que os Ptolomens com tanto cuidado recolheram. Fora dispersa a bibliotheca do Serapião e a sorte de Hypathia era uma advertencia aos que se quizessem entregar ao estudo da sciencia profana. O pensamento humano não mais devia ser livre. Todo o mundo devia pensar segundo a Igreja. Estavamos então no anno 414 depois de Jesus Christo. Em Athenas, mesmo, a philosophia soffreu a sua sorte. Justiniano prohibiu um dia que ella fosse ensinada e fez fechar todas as escolas. Que barbaros!

Emquanto se davam estes acontecimentos nas provincias orientaes do imperio, desenvolvia-se no occidente o espirito que os tinha produzido. Um padre bretão, chamado Pelagio, percorria a Europa occidental e o norte d'África ensinando que a morte não era proveniente do crime de Adão, mas inherente a todo o ser vivo. Pelagio e os seus adherentes foram condemnados, como hereticos, a exilio perpetuo e confisco de bens. Pretender que a morte existia no mundo independente da queda de Adão tornou-se um crime d'estado!

Santo Agostinho foi o maior adversario de Pelagio, proferindo absurdos sem nome sobre a theoria da vida. Esse homem é uma grande auctoridade na Igreja. Ainda hoje um sabio, um illuminado para o clero inteiro. Pois não é preciso mais para definir o mesmo clero, por isso que ninguém, como Santo Agostinho, contribuiu mais para crear o antagonismo da sciencia e da religião. Foi elle que desviou a Biblia do seu verdadeiro fim, que era conduzir os homens a uma vida pura, e lhe deu o perigoso officio d'arbitro da verdade scientifica e de tyranno do espirito humano. Dado o exemplo, foi seguido por todos. As obras dos grandes philosophos gregos foram stigmatizadas como profanas; os gloriosos monumentos do Museu de Alexandria ficaram cobertos de poeira e occultos sob uma espessa nuvem d'ignorancia e de mysticismo, d'onde se escapavam muitas vezes os raios temiveis das vinganças ecclesiasticas.

A sciencia divinamente revelada não admittia alteração nem progresso. Repelle todas as observações, todas as descobertas novas, porque as considera antecipadamente como presumptuosas, inuteis, e as investigações huma-

nas como effeito d'uma curiosidade criminosa em face dos segredos que a Deus não aprouve revelar-nos.

Qual é pois essa sciencia sagrada, essa sciencia revelada que os padres declaram ser a summula bastante do saber humano? É uma sciencia que compara todo o phenomeno material ou espiritual a um acto humano. Para ella o proprio Todo Poderoso não é mais que um homem d'estatura gigantesca.

A terra é uma superficie plana; sobre nossas cabeças, o firmamento arredonda-se como um zimbório, ou, como nos disse Santo Agostinho, estende-se como uma pelle de que se formam as tendas. Ahi se movem as estrellas, o sol e a lua para esclarecer o homem durante o dia e a noite. A terra foi creada do nada e as tribus que a habitam, as plantas, os animaes, foram todos feitos em seis dias; por cima do firmamento é o céu; no abysmo, por baixo de nossos pés, o inferno e as trévas. A terra é o centro do universo, o seu ponto mais importante, e todas as coisas foram creadas para ella. Quanto ao homem, foi feito do limo da terra e a mulher tirada d'uma das suas costellas. Elle é a mais alta e a mais perfeita das obras de Deus. Foi collocado n'um paraíso, nas margens do Euphrates, e possuía a sabedoria e a pureza; mas tendo gostado do fructo prohibido e transgredido os mandamentos de Deus, foi condemnado ao trabalho e á morte. Os descendentes do primeiro homem, não intimidados pelo seu castigo, arrastaram uma vida tão criminosa que se tornou necessario destrui-los. Por consequencia, o diluvio cobriu a terra e as aguas elevaram-se até ao cume das montanhas. Satisfeitas as ordens de Deus, os ventos seccaram as aguas. Noé, os seus tres filhos e as suas mulheres, foram salvos na arca. D'esses tres filhos, o primeiro, Sem, ficou na Asia e repovoou-a; Cham povoou a Africa; Japhet a Europa. Como os padres não sabiam da existencia da America, não se incommodaram a encontrar um antepassado para os seus habitantes.

Tal era a sciencia clerical nos primeiros tempos do christianismo. Que dizemos nós? Tal é a sciencia que a maior parte d'esses marmarros ainda hoje prégam ao povo do alto do pulpito! E nem podem fazer outra coisa, porque prégam o contrario seria negar a essencia da religião. Ora como essa sciencia é profundamente ridicula e disparatadamente tola, com ella cahin por terra o catholicismo e a base toda das religiões modernas.

E por essas especulações extravagantes, por esse producto da ignorancia e da audacia fizeram elles abandonar as obras dos philosophos gregos!

Porém a parte mais singular de todo esse systema petulante era ainda a sua logica e a natureza das suas provas, provas que se fundavam sempre no milagre. Suppunha-se qualquer facto prodigioso por outro facto extraordinário,

mas diferente. Falando d'isso dizia um escriptor arabe: «Se me affirmarem que tres são mais do que dez e como prova converterem um pau n'uma serpente, eu posso admirar a habilidade do affirmante, mas certamente não fico convencido.» Entretanto, durante mais de mil annos foi essa a logica corrente, accete em toda a Europa. Aceitavam-se proposições absurdas sobre provas não menos absurdas.

Desde o momento em que o partido dominante no recente imperio christão não podia produzir obras dignas de rivalisar com as dos pagãos, e desde o momento que não podia acceitar uma posição d'inferioridade, a perseguição, a extincção da sciencia profana tornou-se uma necessidade politica. Foi em virtude d'essa necessidade que os platonicos foram perseguidos por Valentino, accusados de magia e muitos d'elles condemnados á morte. A philosophia tinha-se tornado perigosa; era um crime d'estado; em vez d'ella, rebentou um verdadeiro furor, que ainda dura até certo ponto nos nossos dias, de maravilhoso e superstição. O Egypto trocou os grandes homens que tornaram immortal o seu museu por exercitos de frades solitarios e de virgens enclaustradas que prepararam e acabaram a sua ruína.

Torpeza moral, torpeza intellectual e torpeza physica!

Continuaremos.

A agencia forquetoide-grifoide encarregou um malandro de defender a honra do padre e das irmãs da caridade.

Esse malandro é o manel coquinho. E fica dicto tudo.

AS ELEIÇÕES

Parece que se realisam definitivamente no dia 19 do corrente as eleições da Santa Casa da Misericórdia. Vae, pois, ter um termo o grande escandalo que se tem praticado para ahi. Termina, enfim, o abuso revoltante que se praticou com uma commissão administrativa que sem respeito por coisa nenhuma permaneceu illegalmente no hospital ha quinze mezes. É o primeiro triumpho da opinião publica e o primeiro cheque no despotismo politico d'esse capitão de ladrões que se diz governador civil do districto de Aveiro e que, como toda a gente sabe, tenazmente se oppunha a que se realisasse a eleição.

Porém, não é tudo. Para nós, sempre o temos declarado, não vale coisa nenhuma o triumpho do governo. As irmãs da caridade representam uma grave illegalidade n'este paiz. A lei prevê-as nas suas determinações, a lei alcança-as. A lei repelle-as, a lei expulsa-as. E contra um principio fundamental d'essa categoria, contra uma determinação tão positiva e tão firme, não tem poder, nem representa coisa nenhuma.

ma uma simples eleição da Santa Casa da Misericórdia.

O governo vence? Tanto peor para elle. A lucta será então mais feroz, mais violenta, mais inabalavel que nunca. Tanto mais que o governo não pôde vencer senão pela falsificação, pela burla, pela patifaria que lhe é habitual. Note-se bem isto, que é importante. Se as eleições forem livres, o triumpho será incontestavelmente do povo honrado d'esta terra, será nosso. Não hesitamos um segundo em o affirmar. Se o governo vencer, é porque o governador civil riscou eleitores do respectivo caderno, é porque ameaçou os irmãos pusillanimes no commissariado de policia como da outra vez, é porque seduziu, é porque mentiu, é porque falsificou tudo, que de tudo é capaz esse grande malandro que nos deshonra e avilta no exercicio d'uma das mais altas magistraturas do paiz. E tanto isto é assim, que tenentes, alferes, sargentos, cabos e soldados da infame companhia dizem por ahí á bocca cheia que **levarão tudo á força quando não possa ser d'outra maneira.**

Duplo motivo para que um triumpho hypothetico do governo nos não contivesse, antes nos desse maior força, no caminho em que entramos.

Porém, por outro lado, e o que ahí fica não quer dizer o contrario, o povo, o povo cheio de crencas, o povo, que é a esperança d'este paiz, o povo, que tem no seu espirito campo aberto e franco a todos os grandes ideaes, e no seu coração espaço largo e vasto para todos os sentimentos generosos e nobres, o povo, os patriotas d'esta terra, os liberaes sinceros que são muitos e de todos os partidos, devem empregar todos os esforços, envidar todos os recursos, exercer a maior actividade e a maior resolução para que a companhia dos malandros receba junto da urna a correcção que merece e a lição de que precisa.

A' urna pela liberdade!

Seria uma vergonha que a briosa população aveirense não tivesse em si a energia bastante para quebrar pela força da sua consciencia e pela auctoridade de direito e da justiça que lhe assiste nas machinações do capitão de bandidos e as ciganadas indecentes de toda a infame quadrilha. Seria um opprobrio sem igual na historia que nós, nós aveirenses, nós que derrotámos na urna o maior orador d'este seculo, o maior espirito que surgiu n'esta terra, esse que foi uma gloria, não só da sua patria, mas da civilização moderna, fosse ao pé da mesma urna sancionar a vergonha, vinte e seis annos apoz a morte d'esse grande vulto, que gyra nos céos como meteoro brilhante, dos mais fortes, dos mais poderosos do seculo XIX.

Não, que este povo morreria para sempre na historia como bastardo da civilização e renegado do progresso. Não; não se dirá que a cidade de Aveiro repelle o nome de seus paes e as cinzas dos seus antepassados. Não se dirá que esta terra heroica, que foi patria de João d'Albuquerque, de José Estevão, de tantos genios que ficaram para sempre fulgurando nos annos das mais bellas conquistas do espirito humano; esta terra famosa que levou, nas suas opulentas esquadras mercantes, o brilho dos seus marinheiros ás paragens da America, onde a poderosa industria da velha rainha do Vouga sustentou nobremente o tão afamado progresso e valor portuguez, não se dirá que esta terra tenha descido tão baixo, seja tão ignobil, tão indigna, tão asquerosa, que de senhora orgulhosa e altiva haja cahido em prostituta vil, em cortezá syphilitica e suja do padre Ferreira, do José Eduardo d'Almeida Vilhena, do Manuel Firmino, do fernando cego, de toda essa escoria repugnante que requer acido phenico e junta de

saude, como do jesuitismo insolente e audaz que lhes paga as sordidas especulações e as nojentas tramoijs de gatunos alvares.

Não; a nossa terra não desceu tanto.

E' certo que as patifarias do governador civil, se lhe derem o triumpho nas eleições, não serão capazes de deter na sua campanha os que tomaram a peito zelar o nome honrado de Aveiro. Mas tambem é certo que se o povo fór energico, se correr á urna a executar os seus direitos, se não faltar um só popular a depôr o seu voto, se todos, fortes na nossa justiça e tranquillos na nossa consciencia não cedermos a empenhos e repellirmos os pedidos indignos, se tomarmos a resolução decidida de marchar para a frente, de nada valerão chicanas, nem patifarias, nem alianças de quantos malandros existam ou possam existir. E não é menos certo ainda de que se a perda das eleições não seria a perda da causa do povo, o triumpho d'aquella é incontestavelmente a victoria d'esta, victoria definitiva, victoria decisiva, victoria sem conflictos e sem revoluções, e victoria sem appello nem aggravado. Por isso:

A' urna pela liberdade, á urna pela patria.

Que cumpra cada um o seu dever. O Manuel Firmino ha de dizer mil asneiras, ha de vomitar mil patifarias. Que a cavallaria nos corta o pescoco e os cavallos nos passam por cima do corpo; que elle só á sua parte ha de matar cem e esfolar mil. São ciganadas e hespanholadas d'aquelle maroto, que só devem provocar a gargalhada publica.

Riámo-nos d'isso, e

A' urna pela Patria!

A' urna pela Liberdade!

Viva o Povo!

O Povo de Aveiro publicará dois supplementos, um na terça e outro na proxima quinta-feira.

A SUBSCRIPÇÃO PUBLICA

Realisaram-se, como se vão realisando em tudo, as nossas previsões. A subscrição publica subiu, subiu enormemente, vae subindo com o mesmo crescendo d'entusiasmo pela causa do bem e d'indignação pela vergonha que a companhia dos malandros representa para a cidade de Aveiro. Abençoada a idéa que a iniciou e que lhe presidiu!

Sóbe, e ao passo que ella sóbe desce o prestigio illusorio que os malandros sustentavam por ahí. Sobem, e afunda-se no lodo definitivamente o governador civil substituto com todos os ciganos immundos que lhe faziam côrte, com toda a quadrilha que o tem acompanhado na rapinancia vil, na ladroeria insolente e ousada. Sim, definitivamente. O Manuel Firmino é um homem morto. Não mais se levantará do pontapé valente que lhe dêram. Nunca mais terá o minimo valor aquella cabeça de ladrão nato, que tem sido retalhada a golpes de machado.

E' para que todos saibam que não se troça impunemente da moralidade publica, nem dos sentimentos d'um povo e do brio d'uma terra.

E' altamente significativo, chega a ser extraordinario o que se está passando entre nós. Ha cinco mezes que se abriu a campanha contra as irmãs da caridade. E quando n'este paiz é costume ao fim de tres dias estar tudo esquecido e tudo abandonado, em Aveiro, não só a tensão dos espiritos se tem conservado no mesmo grau de calor, como até parece que redobra de vitalidade e de força a corrente da opinião contra o jesuitismo infame e contra a canalha que nos administra e manda. E' significativo, é profundamente significativo!

Não ha trica, nem malandrice de que os membros da companhia se não tenham servido. Elles recorreram aos padres para lhes arranjar assignaturas a favor das irmãs da caridade. Elles levaram a imprensa aos tribunaes. Elles ameaçaram os operarios das obras publicas e das obras da camara que, tendo consciencia e direitos como os mais, se manifestaram contra as irmãs da caridade. Elles descompozaram os empregados publicos nas mesmas condições. Elles insultaram os irmãos da Santa Casa e a commissão José Estevão. Elles pediram ao fallecido coronel de Cavallaria 10 que trouxesse a tropa para a rua para ameaçar o povo. Elles mandaram espalhar, em vespers de comícios, que havia ferimentos e mortes. Elles mandaram á policia que tomasse nota dos cidadãos que assistissem aos comícios. Elles forjaram protestos contra a subscrição publica de individuos que não concorreram para ella. Elles tem empregado todos os recursos de gatunos, todos os meios indecentes e porcos de contrariar a manifestação anti-clerical e anti-firminista. Debalde. A tudo o publico tem resistido e ei-lo ahí cada vez mais decidido e mais firme!

Firme, resolutivo, prompto para tudo. E não ha prova melhor do que a subscrição. Embora elles queiram allegar que nas listas de subscriptores figuram nomes e quantias phantasticas. A allegação é ridicula e tola desde que nós declaramos que as quantias subscriptas seriam entregues á Santa Casa da Misericórdia se não fossem consumidas nos processos. Se nós não tinhamos dinheiro para resistir sosinhos ás despesas judiciais, como é que o haviamos de ter para o entregar ao hospital? Querem experimentar, querem-nos entalar? Pois entalem, que o meio é facil. Deixem de ser torpes uma vez na vossa vida, deixem-se de processos que só a vocês vos hão de comprometter pelo escandalo que as sessões dos tribunaes hão de representar, e ja viram que nem nos compromettem, nem nos mettem medo; sejam habeis, que ainda n'essas historias de policias correccionaes demonstraes a vossa incapacidade e a vossa toleima; executae estes bons conselhos que vos damos e a Santa Casa da Misericórdia arrecadará uns centos de mil réis. O que é que vocês querem, bandidos? Apanhar-nos na cadeia? Socegae, que entre mortos e feridos alguem ha de escapar. Esgotar-nos a algibeira? Se a subscrição é real já vêdes que não é facil conseguir o vosso intento de garotos. Se é phantastica, que melhor maneira tendes vós de nos dar um sopapo violento na bolsa que obrigando-nos a entregar á Santa Casa as quantias subscriptas? Não serieis assim ao menos mais benemeritos e mais dignos? Pois andae a clamar para ahí que ninguém dá um lençol, sequer, ao hospital, e tendes aqui pelo menos trezentos mil réis, que dariam para trezentos lençoes, e não os quereis aproveitar? E ideios gastar a provar em pleno tribunal, em sessão que ha de ficar memoravel, e de que todo o paiz ha de ter conhecimento, que o Manuel Firmino é de facto um ladrão, mas muito mais ladrão ainda do que toda a gente supunha? Sois uns biltres, e além de biltres sois uns asnos.

Eis as consequências todas da subscrição. Não é só o facto material d'auxiliar um periodico na sua campanha resoluta contra uma sucia que nos envergonha e avilta. Só esse lado bastaria para engrandecer e honrar a população aveirense. Mas ha mais. Ha o lado moral que esse auxilio representa, lado moral que é a condemnação absoluta da companhia dos malandros, de que é comandante laureado e eximio o governador civil substituto. E ha o odioso que se accumulou sobre a cabeça dos ciganos. O que é

que elles querem provar nos tribunaes? Que o Manuel Firmino e o fernando cego não são dois ladrões, dois refinados tratantes? Dá vontade de rir e elles bem sabem como essa pretensão ridicula provoca a gargalhada da gente de Aveiro. Não seriam então mais dignos, dignidade relativa, está claro, deixando que fosse entregue ao hospital, que elles dizem tão precisado e tão pobre, o producto da subscrição?

Eis o odioso, eis a bem tecida armadilha que a subscrição representa, eis as magnificas consequências d'ella em qualquer campo que se veja, ou por qualquer lado que se estude.

Motivos mais do que sufficientes para que mereça ao publico as sollicitudes e as attentões que lhe tem merecido até aqui. Todos devem concorrer. Quanto mais elevada ella fór, mais poderoso é o seu effeito moral, mais violenta a bordoadá na cabeça do Manuel Firmino e companhia, e maior pôde ser o serviço humanitario prestado com a Santa Casa da Misericórdia. Se d'aqui resultasse um beneficio ao hospital, todos se deveriam dar por contentes do dinheiro que gastaram e dos resultados d'esta campanha, resultados por tantos motivos tão bellos, tão sympathicos, tão honrados, tão profundamente civillizadores.

E por isso continuamos appellando para os nobres sentimentos do publico.

Subscrição aberta pelo jornal o «Povo de Aveiro» para occorrer ás despesas dos processos que lhe move o governador civil substituto e mais malandros de que o mesmo governador civil é capitão, por este jornal haver defendido a honra e as tradições da sua terra vilmente offendidas com a introdução das irmãs da caridade no hospital civil e por ter zelado a causa da moralidade publica e desaggravado o nome do districto de Aveiro pondo a nú as pustulas do sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia.

Transporte.....	206\$170
Um inimigo dos poucos, que valem por muitos, malandros, farçantes, ciganos e ladrões da heroica cidade de Aveiro.....	1\$500
Um inimigo das trévas..	\$500
Fôra com a corja de malandros!.....	\$500
Um inimigo dos roupetas Manuel Caetano Valente, filho de Sarrazoila....	\$200
Um que nunca roubou fogões.....	\$200
Um pobresinho, mas honrado.....	\$100
A. M. P.....	\$500
Um que já se não fia nas cantigas do «Pae dos Pobres».....	\$500
Paulo Costa Branco.....	1\$000
Um que sympathisa com as suissas do «Agua Forte».....	\$300
José Dias da Silva.....	\$200
Um inimigo dos que roubam relogios.....	\$300
M. D. R.....	1\$000
Um amigo do «Zé Cuecas»	\$400
	213\$570

(Segue.)

O SURDO MUDO

Vae correndo a imprensa toda do paiz a desavergonhadissima arbitrariedade que denunciámos ao publico. A esse respeito acrescenta o Districto de Aveiro as seguintes informações:

«Joaquim Chia era vendedor de leite em Ovar.

Por motivos que ignorámos, era temido pela quadrilha de si-

carios, que n'aquella villa tem praticado as atrocidades que todo o paiz conhece.

Uma manhã, andando no exercicio da sua industria, foi preso á ordem da auctoridade administrativa e conduzido á casa da administração do concelho.

Como motivo d'esta prisão allegou-se que o Chia, em companhia de outro individuo de nome João Quatorze, seguira na vespéra, á noite, com intenção de agredir, o medico Antonio Cunha, presidente da camara e chefe da malta progressista de Ovar.

Apesar dos esforços empregados não foi possível, porisso, arranjar provas ou colher o mais pequeno indício para fundamentar semelhante accusação.

O administrador mandou então o mudo para juizo, accusando-o de vadiagem.

..... Julgado o Chia, foi condemnado em 10 dias de prisão correccional, devendo em seguida, por effeito da sentença, ser entregue ao governo para lhe dar o trabalho conveniente.

Cumprida a pena de prisão na cadeia de Ovar, o Chia não podia ficar na villa, porque a quadrilha temia-o e para isso lá teria as suas razões.

Então entreveio o sr. governador civil do districto que, para valer aos seus correlligionarios vareiros e continuar na cumplicidade de semelhante malta, lançou mão do mudo, mettendo-o na cadeia de Aveiro, aonde o conservou, desde novembro de 1887 até ha poucos dias.»

Mas o que isto não pôde é ficar assim. O facto a que nos temos referido representa a maior das selvagerias que as auctoridades administrativas tem praticado no paiz. Havemos de ficar de braços cruzados? Não pôde ser.

Nós já pedimos providencias energicas ao sr. delegado do procurador regio e continuaremos a pedi-las. Dizem-nos que esse funcionario é ansterro e probo. Mas até onde chegará a pressão governativa? De que será capaz a violencia official?

Não pôde ser, isto não pôde ficar assim. Confiemos em nós, antes de confiarmos nos outros. Por isso nos lembrámos de se intentar particularmente acção criminal contra o governador civil. O sr. delegado do procurador regio que faça o que entender. O bem ou o mal será para elle. Os cidadãos independentes e dignos é que podem e devem arremessar ao banco dos réus a infamia viva que se chama governador civil do districto de Aveiro e esmagal-a d'uma vez para sempre.

Ahi fica a idéa. Todos os individuos que se quizerem associar a ella podem dar os seus nomes n'esta redacção.

Por absoluta falta d'espaço não continuamos hoje a historia dos amores do padre com as irmãs da caridade, com profunda mágnia do Zé Forqueta que não apanha hoje reclame a sua porquissima agencia.

Ficará para outro dia junto com a historia d'uns roubos a umas certas irmandades, roubos praticados por jesuitas de lei, sem duvida pelo mesmo amor da moralidade publica, da santa religião e da santa virtude clerical.

Ah! farçantes, que vos arrancámos a pelle!

OS QUADRILHEIROS

(APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA COMPANHIA DOS MALANDROS)

Referimos no ultimo numero que Manuel Firmino de Almeida Maia fóra condemnado, por sentença de 6 de dezembro de 1879, na multa de 17\$858 réis na acção

commercial que lhe moveu Astley Campbell Smith, condemnação que resultou de se ter provado a má fé do réu.

E' muito curiosa a historia que se relaciona com essa biltria e por muito curiosa a vamos contar.

O sr. Astley Campbell Smith é um official superior do exercito inglez. Por circumstancias que não veem para o caso tornou-se proprietario d'esse senhor a fabrica de papel da Abelheira, d'onde Manuel Firmino se forneceu de papel para o *Campeão das Provincias* durante mais de vinte annos.

Toda a gente conhece o governador civil de Aveiro. Por conseguinte já todos perceberam que se durante tanto tempo consumiu papel da referida fabrica, certamente que não passou sem alguma das famosas intrujices do costume.

E' assim aquelle homem. Não passa por parte nenhuma que não deixe rasto característico da sua passagem.

Dicto e feito. Foi aldrabando, intrujando, ciganando como sempre e d'esse modo conseguiu formar uma divida de 4:546\$380 réis.

O sr. Smith, já por temperamento, já por educação, não era homem para brincadeiras e intimou o nosso capitão de ladrões a pagar o que lhe devia. Não foi caso que assustasse o capitão. Elle suppõe ter lérias para tudo e fiou-se nas lérias. E de lérias e pilherias, pantominices, esgares, lagrimas, mentiras, todo o arsenal dos gatunos d'officio, encheu cartas successivas para enteneceer o duro coração do britannico. Desfiemos as cartas. Tome folego o leitor e prepare-se para nova scena d'esta longa comedia de patifarias e roubos em que é protagonista o governador civil do districto de Aveiro. Que vergonha, santo Deus!

Manuel Firmino respondeu ás primeiras intimações do sr. Smith. Na primeira carta, que este sr. conservou e de que não faz mysterio nenhum, Manuel Firmino confessava a divida por inteiro, accrescentando, textualmente, *que não havia duvidas nenhuma sobre a sua exactidão*. Porém, procurava justificar-se de não a ter pago com as muitas dividas ao jornal. «Devem-me immenso dinheiro, exclamava, e emquanto não me pagarem eu não posso satisfazer regularmente os meus compromissos.»

O sr. Smith não enguliu a pilula e voltou á carga.

Na segunda carta, Manuel Firmino continua a queixar-se dos calotes ao jornal, que avalia em 5:000\$000 réis, principalmente com os calotes do Brazil, e tenta de novo justificar-se com elles. Entretanto espera em breve dinheiros do mesmo Brazil e promette solemnemente pagar assim que elles chegarem.

Neste intervallo o sr. Smith sacca sobre o capitão de ladrões por uma das remessas de papel.

Tercera epistola do sr. capitão. Escreve que n'um telegramma pedira não saccasse, porque o dinheiro para pagar a remessa de papel havia de chegar e que ficasse elle certo, Smith, de que seria em poucas semanas embolsado de tudo. Que o Brazil era a sua tortura. Que não via d'alli vintem.

Mas, aqui, já não lhe devem 5:000\$000 réis como na segunda carta. Já lhe devem só 4:500\$000 réis. Que famoso intrujão!

«Saques, accrescenta, tenha a bondade de não os fazer.» Podéra. Pois se elles doiam-lhe!

O sr. Smith não fez caso. Então quadrilheiro na quarta carta diz que não podia acceitar o saque, que prevenisse a tempo e que não prevenindo a responsabilidade era d'elle, Smith. E termina dizendo: «Saques nem letras não acceito a ninguém.»

Isto é, por um lado, se o prevenissem a tempo elle acceitava o saque. Por outro lado rejeitava-o em absoluto. Arre, maroto!

E tem, então, immensa graça aquella ingenuidade com que elle declara que saques e letras não acceita a ninguém. O puro, que já tinha a esse tempo umas poucas de letras protestadas em que figurava como acceitante!

Na quinta epistola declarava que já tinha mandado dinheiro e que esperava remessas de dois correspondentes do Brazil, remessas que o habilitassem a satisfazer tudo. E pedia, entretanto, ao cidadão inglez que fosse acceitando o dinheiro que lhe remetesse.

N'este ponto começa uma nova intrujice de que já vamos achar a explicação.

Na sexta epistola dizia que tinha recebido na costa de S. Jacintho cartas do seu credor, mas que não eram precisas para nada, *porque sabia muito bem cumprir o seu dever*.

N'estas alturas principia o bilha perceber que não fazia nada com o inglez e por conseguinte começa a ser insolente. Todavia ainda explicava demora dos seus pagamentos pelas difficuldades e demoras do Brazil.

Na setima carta, estava doente ha mais de dois mezes! E por isso não tinha podido cobrar o que se lhe devia!

Na oitava carta iniciava logo o assumpto dizendo que lhe tinham corrido mal as suas coisas. Volta a solfejar sobre as difficuldades do Brazil. Eram tantas, a sua infelicidade era tamanha, os seus transtornos eram tão grandes que até o seu correspondente no imperio tinha fallido. E agora estava tudo perdido! E agora era completa a sua desgraça! «Veja V. Ex.ª (textual) como se pode viver n'este mundo! Estou tão mortificado com isto que nem sei o que articulo!» (1)

Oh, que grandissimo tratante! Porém, isso não valia nada. Elle era um homem honrado e ninguém tinha culpa das suas desgraças. Por conseguinte, que estivesse o sr. Smith descansado. Elle ia contrahir um emprestimo sobre hypotheca e pagava tudo.

O credor não cessava de lhe atirar esporadas. Todavia Manuel Firmino n'este ponto fez-se moita e não respondeu. Então as esporadas redobram. E capitão de ladrões sahe-se com esta:

Nona carta. Protesta que tem respondido. «Eu não estranho já nada. Quem me roubava as cartas que eu dirigia a v. ex.ª com quantias valiosas em sellos, pôde tambem extraviar as cartas que não levam dinheiro.»

Eis a explicação da intrujice da quinta carta! O patife não mandava dinheiro nenhum, mas ia dizendo que mandava. Entrementes as coisas complicavam-se, o credor azedava-se, elle não respondia de proposito a duas ou tres cartas e depois muito indignado exclamava: — «Ora essa! Pois eu não lhe mandei dinheiro? Que culpa tenho eu de me terem roubado as cartas? Eu já não lhe devo a quantia que você pede.»

Arre, que é ladrão demais! Quantias valiosas... em sellos! E não segurava as cartas, nem coisa nenhuma. A' mercê de Deus!

Ora o fajardo.

Mas temos ainda muito que ver n'essa nona carta. Capitão de ladrões não se limitou a dizer que tinha mandado dinheiro em cartas que se haviam extraviado. Isso era pouco para tão insigne varão. Foi muito mais longe. Levou a ousadia até se irritar com o credor por... lhe ter vendido o papel muito caro!

Repare-se bem na patifari-d'este malandro. Nas primeiras cartas confessava a divida e humilhava-se perante o credor como um cão lazarento. Dizia mesmo que não havia duvidas nenhuma sobre a exactidão da divida.

Ao que se vê tinha todas as

(1) Sob nossa palavra de honra garantimos a authenticidade d'estas cartas e a fidelidade do resumo que estamos fazendo. Não as publicamos por extenso pelo enorme espaço que nos tiravam.

esperanças de ludibriar o inglez com as suas cantigas!

Mas quando reconheceram que o inglez era rijo e teso, quando percebeu que por pantominices e lagrimas nada conseguia, passou a usar d'outros meios. E então, já tinha mandado dinheiro! E então, o papel era caro e o inglez usava com elle d'uma especulação! E já por ter mandado dinheiro, já pela especulação, elle nada devia ao inglez, ou pouco lhe devia!

Arre, malandro, «Eu não merecia que me tivessem levado mais caro porque sou homem de boa fé. V. ex.ª vendeu-me o papel por mais 20 p. c. do que nas outras fabricas.»

E só ao fim de vinte annos é que reparou n'esse exaggero de preço!

Accrescentava que lhe deviam no reino, de calotes 5:000\$000 réis. (Primeiro os cinco contos eram do Brazil e do reino!) No Brazil 4:000\$000 réis (que pantomineiro!) E para *cumulo d'infortúnios* (textual) ainda pagava o papel por mais 20 por cento.

Aqui o sr. Smith perdeu a cabeça como era natural. Então o villão arranca a mascara, mostra-se em toda a nudez da sua infamia e escreve a carta seguinte, que achamos digna de ser transcripta na integra:

«Já disse a v. ex.ª o que tinha a dizer. Accrescentarei apenas — que não dou a ninguém o direito de me prescrever regras. Procedo em tudo como entendo sem ter que dar por isso satisfações a quem quer que seja. Senti ver tão tarde os danos que estava soffrendo, (coitadinho!) sendo levado a isso pela minha boa fé; e louvo a Deus ter tido meio de evitar o mal. São sangue, (e não leve uma padeira que lhe limpassem o rosto... com a pá do forno!) trabalho noite e dia para sustentar a numerosissima familia que me cerca e não é para *locupletar extranhos* (o gripho é d'elle) com contias exaggeradas que se fazem tantos sacrificios. Convencido da minha justiça e *pouco medroso* não tenho mais a responder a v. ex.ª»

Quer dizer, depois de tudo ainda chamava ladrão ao credor!

Sr. José Luciano de Castro, v. ex.ª não pratica só uma arbitrariedade sem equal conservando esse homem á frente do districto. V. ex.ª enodoa de todo o seu proprio nome. V. ex.ª não tem sombras de pudor. D'outra forma esse homem, não só não seria governador civil do districto de Aveiro como estaria sentado ha muito no banco dos réus. Mas quem não tem vergonha todo o mundo é seu. E tanta vergonha tem v. ex.ª como esse scario que nos governa para ahí.

De resto, escusaremos de accrescentar que o capitão de ladrões foi obrigado pelos tribunaes a pagar o que devia ao sr. Smith. E quem quizer mais minuciosidades, que não deixam de ser curiosas, procure-as na fabrica da Abelheira que lá as encontra patentes.

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Compram-se n'esta redacção exemplares do n.º 359 do "Povo de Aveiro,..."

Ha duas semanas que não recebemos a *Gazeta de Portugal*, que até ahí nos visitara sempre com toda a regularidade.

A *Gazeta* arrepende-se-hia e não querera continuar a dar-nos a honra de trocar com o nosso modesto semanario?

Terminaram hontem as sestas dos operarios.

As principaes disposições do edital publicado esta semana na folha official, regulando os exames de outubro, são como se seguem:

Para o exame de uma ou mais disciplinas do 1.º anno, o alumno além da certidão do exame de admissão tem de apresentar a certidão em que prove ter 10 annos de idade completos.

O alumno pagará por cada classe 9\$000 réis de propina e mais 1\$500 réis por cada exame de classe ou de passagem, podendo a primeira propina ser paga em duas prestações.

Os exames singulares custam 2\$500 réis por cada disciplina ou parte de disciplina.

O alumno que requerer exame de philosophia deve apresentar as certidões dos exames de passagem de todas as disciplinas do 5.º anno, pagando 4\$500 réis de propina e mais 1\$500 réis pela disciplina

O praso para a entrega dos requerimentos, que principiou no dia 5 do corrente, termina no proximo dia 15.

Recebemos o primeiro numero de um jornal dedicado exclusivamente a tratar de assumptos relativos ás nossas colonias. Publica-se em Lisboa e tem o titulo de *Boletim Colonial*.

Agradecemos a sua visita e em troca vamos enviar o nosso semanario.

Ficou hontem definitivamente instalado na parte já construida do novo quartel de Sá o regimento de cavallaria 10.

Já era tempo.

Conta o *Jornal da Louzã* que um lavrador residente na Redinha esteve tres horas sem dar signaes de vida, julgando-o todos morto. Quando, porém, as torres davam o signal de fallecimento e em casa do defunto tratavam de o lavar e barbear para o transportarem para a tumba, o *cadaver*, com geral espanto, começou a gemer e a animar-se!

O lavrador estaria a caçoar com a tropa?...

Foi-nos enviado o catalogo dos productos expostos na exposição industrial de Lisboa pela Empresa Industrial Portuguesa.

Agradecemos.

Um alvará de 1 de setembro de 1774 dá a seguinte nota dos serviços prestados pela *Santa Inquisição* a Deus e á patria:

Pessoas penitenciadas em actos publicos, 23:068.

Queimadas nos ditos, 1:451.

Lançadas ao Tejo, 4:400.

E n'este horrivel alvará não se menciona o numero de pessoas mortas na tortura e nos carceres secretos do nefando tribunal de fé.

Um machinista da fabrica da Vist'Alegre foi na segunda-feira colhido por duas rodas de uma machina, ficando entalado entre as mesmas, o que lhe deu morte instantanea.

Infeliz!

Accusámos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

Os Invisiveis do Porto, grande romance de propaganda anti-jesuítica, original do distincto escriptor Baptista Diniz. Sahit o 2.º fasciculo d'esta interessante obra, cujo summario é o seguinte:

Nas vespas do consorcio; Noticia cruel; A carta terrivel; Abnegação feminina; O louco; A beira do sepulchro; A extrema-unção; O bairro da Sé; O Restaurante dos Fidalgos; Dialogos nas speluncas; Monarchia e Republica; Conciliabulo de faccinoras; O Santo e Senha; O «Escorropicha-galhetas»; O embuçado; Medico e amigo; A lucta com a morte.

N'esta cidade assigna-se na Livraria Academica, na praça do Commercio.

O Mundo Elegante, magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, de que é gerente em Pariz o sr. Antonio de Souza. N.º 36, do 2.º anno.

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculo n.º 33.

As Doidas em Pariz, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Caderneta n.º 43.

Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

Revista Popular de Conhecimentos Uteis, n.º 14. Traz o seguinte summario:

Educação e instrucção (II); As forças intimas da materia (II); O aqueducto das aguas livres; Reforma do ensino industrial; A analyse espectral; A lanterna e o photophoro electricos de Trouvé; Apontamentos para a historia da escripta; O uso das ablucões; Viaducto de S. Pedro de Alcantara á Graça; Monarchia entre as formigas; Hyperion; Incendios nos theatros; A couve; Caminhos de ferro nos Estados-Unidos; Analyse dos tecidos; Collutorio contra a dyphtheria; Novos anneis de Saturno; Torre Eiffel; Universidades; Contra a dyspepsia; As esponjas; Leite fervido; A solanina.

A Illustração Portuguesa, revista litteraria e artistica. N.º 2, do 5.º anno. — Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

Esteve na quarta-feira em Aveiro o nosso amigo Albano de Castro, redactor do semanario republicano *O Aguedense*.

D'aqui lhe agradecemos a sua delicada visita.

Os bancos do Largo Municipal estão constantemente a apparecer quebrados. Alguns já desappareceram d'alli ha muito tempo, não se sabe porque motivo. Onde iriam elles parar?

Agora lá está um banco do lado da rua Costeira com uma travessa partida e um outro fóra do seu lugar.

E a sr.ª policia sem ver nada d'estas coisas! Talvez tenha mais de que cuidar... Pois não seria mau que desse por ali a sua vista d'olhos, para ver se evitava a continuação da *brincadeira*.

Faça um sacrificio, tenha paciencia...

Carreira para a Barra

Fernando Homem Christo previne o publico de que já estabeleceu a costumada carreira diaria de carros para os banhos da Barra. A partida d'esta cidade é ás 6 horas da manhã.

Espera-se o favor de todas as pessoas que costumam frequentar aquella praia.

CASA DE CAMPO

Vende-se uma em terreno proprio, na estrada nova, aos Alamos. Quem a pretender comprar n'esta redacção se diz.

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

Annuncios

GENEBRA MOREIRA

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida. Continua a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registrada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma [*fac-simile*] dos fabricantes.

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM
AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparellhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos espeziaes de Norte-America

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REL-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARANE
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE
TUBOS DE FERRO
cobrados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES
CULINARIOS.

ESTUPAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO
"AGATE"

Para serviços da cozinha e mesa, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS
Para Fructas e Lroças.

E OUTROS
ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possível para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Acceta-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra.

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recommendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemães se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosissimos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival. É a rainha das machinas!

75, Rua de José Estevão, 79

AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacía Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacía e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais eficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancro mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doencas de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 20\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattissimos.

CASA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono Francisco Augusto Duarte.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de saparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pillulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, o é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É barattissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de roupas de roupa, limpar metais, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

LOTERIAS

com casa de cambio **ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **É negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000\$000.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 25400; quartos a 15200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licença que nas provincias é de 15500 réis por um anno (265 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

AS ELEIÇÕES DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Como já dissemos no ultimo numero d'este semanario, é no dia 19 que se realisarão definitivamente as eleições da Santa Casa da Misericordia. E' tão importante esse acontecimento, de tamanha gravidade na politica local e, até, na politica geral, que julgamos plenamente justificada toda a insistencia que tenhamos com elle. Por isso, e para que tenham todos bem presentes na memoria os factos passados, porque o povo tende muito a esquecer os mais fundos agravos e essa tem sido a sua grande desgraça na lucta secular da liberdade contra o jesuitismo, vamos passar em revista os pontos mais importantes da larga questão que se tem debatido em Aveiro.

1.º O sr. José Eduardo de Almeida Vilhena, vulgo Zé Forqueta successor, tenente da companhia dos malandros, combateu vivamente as irmãs da caridade no velho papel da Vera Cruz, dizendo, entre muitas coisas, que a verdadeira soberania se substancia só no direito e não nas apprehensões de visionarios e fanáticos; que a religião de Christo não se harmonisa com homilias refalsadas, que atormentam o espirito e deprimem as consciencias; que as gerações futuras haviam de pedir rigorosas contas á geração bastarda que introduzia entre nós as irmãs da caridade; que a pretensão das filhas de S. Vicente de Paulo era injusta e ignominiosa; que era preciso subtrahir Portugal a mais essa vergonha; que os defensores das irmãs da caridade nunca adduziram um argumento que tivesse peso na balança da opinião publica.

Assim falava esse Zé Forqueta enlameado e porco, que ainda n'outro dia arranhou a que fosse transferido de Aveiro para fóra um pobre rapaz, que, por ter brios e por ter dignidade, lhe servia d'obstaculo á mais negra, á mais vil, á mais indecente facanha que um malandro pôde praticar. Esse biltre, que fala em moralidade publica! Esse repugnantissimo sapo, que alardeia economias, ordem, acieo e pureza de costumes no hospital d'esta cidade!

Assim falava elle! Assim falava o Manuel Firmino que era o proprietario do *Campeão do Vouga*, como é proprietario do *Campeão das Provincias*! Assim falava a companhia dos malandros d'esse tempo, que não era melhor nem mais asseada que a companhia de malandros que conhecemos aqui! E porque era que falavam? Porque lhe pagavam.

Ah! as convicções dos malandros eram essas! São esses os liberaes, a que se refere o pilecas, o tal das certidões de Vizeu e de mil outras heroicidades que vão sair para publico, no *Campeão das Provincias* de sabbado passado. São esses os liberaes que vendiam a consciencia com maior facilidade de que o Faca de Mato vendia a carabina.

Convicções liberaes! As vossas convicções cotejaram-se sempre pelos cofres da policia secreta! Eram do ministro que vos desse maior subsidio e do governador civil que vos arremessasse maior numero de patacos! Já então a limpeza das convicções do Vilhena reflectia a limpeza da sua vida actual! E a seriedade das convicções do Manuel Firmino, a seriedade dos seus contractos commerciaes, que bem se avaliou no numero passado com a historia Astley Campbell Smith! Convicções de mercado! Convicções de bandido! Quereis vêr? Elles então combatiam vivamente as irmãs da caridade. E dois annos

depois enchiam d'insultos o grande opador liberal que se cobria de gloria atacando o jesuitismo! Elles então combatiam as irmãs da caridade e agora, para insultar a memoria do venerando tribuno, admittem-n'as na sua propria terra natal! E agora, porque o bispo conde de Coimbra lhes prometteram apoio e auxilio e elles contam rouba-lo, e agora, porque o morgado de Villarinho lhes acenou com qualquer coisa e elles precisam de tudo, ei-l'os deshonrando Aveiro com o maior attentado que nós conhecemos!

Povo, vae sancionar á urna a infancia de character d'esses malandros. Vae lavar as impurezas d'esses bandidos, que manifestam as convicções que tu vês. Vae-os defender, vae-os sustentar n'essa obra nefanda de vilipendio e vergonha que elles estão praticando, que não é outra coisa senão deshonrar-se o povo d'esta terra, senão sujar-se na lama em que se revolvem os pulhas, votar nas eleições da Santa Casa por esses ladrões, cheios de podridões e de crimes.

2.º A gente do *Campeão das Provincias*, a mesma gente que patrocina a lista da agencia forquetoide-grifoide para as eleições da Santa Casa da Misericordia, chamou a José Estevão: «orador faccioso e inconsiderado, farçante, parvo, homem sem character, chocarreiro, perorador de Vagos, inconsequente, orador da Porcalhota, insolente, mediocre discursador de parcialidades, mobil das paixões que o rodeavam, lazaro que se decorava com a palheta do jogral e com o roupão dos guizos para encobrir as ulceras do corpo, ingrato, denunciante, traidor, indigno, desleal, caricato, batoteiro, pobre d'espirito, moedeiro falso e ladrão.» Ahi correm os numeros do *Povo de Aveiro* onde sahiram as transcripções do *Campeão das Provincias*. E' relefas, para repasmarmos!

Ora a introdução das irmãs da caridade entre nós representa simplesmente, por parte da canalha firminista, a sanção de todas essas infamias. José Estevão foi um puro de character e d'espirito. Poderia ter defeitos, porque não ha ninguém perfeito no mundo. Entretanto, foram tão grandes as suas qualidades pessoaes, tão eminentes os seus serviços á patria, tão extraordinarios os seus sacrificios pela causa liberal e tão fulgurante o seu talento, que não houve defeito que podesse lançar o minimo ponto obscuro n'aquelle nome sem igual e n'aquelle character adoravel. Logo os ataques da canalha firminista eram duplamente odiosos e pulhas.

Mas bem, isso não bastou. Era necessario levar mais longe a sanha feroz. Era preciso que a população aveirense ficasse deshonrada para sempre na historia. Era indispensavel que este nobre povo, uma vez induzido em erro porque uns repellentissimos sapos abusaram da sua boa fé, que este nobre povo, que dilacerou o coração de José Estevão, illudido pelas fajardices de meia duzia de malandros, que este nobre povo, que derrotou junto da urna o maior orador d'este seculo, enganado pelas hypocrisias da companhia dos malandros d'então, era necessario que este povo não remisse o erro, não lavasse a affronta, não apagasse a noção que lhe cahiu no seu nome fidalgo, glorificando com a maxima publicidade e com o maximo estrondo o filho dilécto que repellira um dia. E para isso eis como escarneio, alli mesmo na praça onde devia ser feita a glorificação, eis como ironia cruel, alli mesmo em face

d'aquella estatua, eis como affronta a esse preito da patria agradecida as irmãs da caridade como riso alvar e vingança inquisitorial do jesuitismo, terrivelmente abatido pelo braço gigante de José Estevão.

E' assim o jesuitismo. E' sempre na familia ou na raça dos adversarios que procura vingarse. Ao marquez de Pombal converteu-lhe os netos em fantochada de sachristia. A Littré roubou-lhe a mulher e a filha. A José Estevão deshonrou-lhe a sobrinha e, não contente com isso, pretende espesinar-lhe a memoria na propria terra que lhe foi berço e no proprio instante em que se vae glorificar o seu nome.

Ah! o jesuitismo tem dinheiro, tem enormes recursos. E a consciencia do Vilhena, como a consciencia do capitão de ladrões, como a consciencia de todos esses bandidos custa menos ainda que um prato de lentilhas.

Mas sancionarás tu, ó povo, essa requintada infamia, esse desavergonhamento sem par? Mas não haverá na irmandade da Santa Casa da Misericordia uma maioria bastante para desfazer as traioas dos insignes malandros que obedecem ás ordens do governador civil? Mas não haverá um numero sufficiente para abafar os traidores que vão votar na lista do governo, attentando d'essa forma, e d'uma maneira tão insignemente covarde, contra a honra d'esta terra?

Votar na lista do governador civil é votar o escarneio á memoria de José Estevão. E' votar a prostituição da cidade de Aveiro. Não queremos suppor, nem admitir, que a nossa decadencia seja tamanha.

3.º Os irmãos da Santa Casa entregaram um protesto contra a entrada das irmãs da caridade no nosso hospital. A comissão José Estevão entregou outro. Pois é tal o desrespeito d'esse patife d'esse Vilhena, d'esse patife que já foi expulso d'um cargo, que exercea no governo civil, por abuso de confiança, d'esse patife que põe fora de Aveiro os parentes, os rapazes honestos que se oppõem ás podridões e miserias d'esse novo Borgia; é tal o desrespeito, a petulancia, o auctoritarismo, o despotismo d'esse tratante, que nunca entregou á mesa respectiva os protestos de que estamos falando. Um mette cidadãos inoffensivos na cadeia pelo tempo que lhe apraz; outro, o alferes, leva o seu desprezo pelo povo até chamar desdenhosamente marítimo ao nosso honrado amigo José Gonçalves Moreira, alvener ao nosso bom e estimado correligionario Francisco Rodrigues da Graça, carpinteiro a Manuel Christo e barqueiro a distincto negociante o sr. Antonio Pereira Junior, demonstrando assim o desprezo que nutre pelas classes trabalhadoras; outro, o tenente sujo e podre, o Borgia devasso, o alcoviteiro dos padres, o Zé Forqueta caro que arranja irmãs da caridade a troco d'empregos graúdos, mette no bolso as representações de duas collectividades importantes, como rei absoluto nosso senhor, e ainda em cima descompõe os representantes por não terem tido com sua magestade a devida cortezia e o devido respeito.

Pois haverá um irmão, dos que representaram, que seja tão sabujo e tão indigno que vá votar na lista d'essa canalha? Pois haverá um homem de tão pouca vergonha? Pois não haverá um honrado popular, d'esses que exercem as nobres profissões pelas

quas o pilecas tem desprezo, esse tal pilecas das certidões de Vizeu e outras heroicidades que não de vir para publico, não haverá um popular que corra com uma tranca esse mesmo pilecas quando lhe vá pedir o voto para as eleições do dia 19?

O povo que vote, se quer, na lista do governador civil. Mas vota na lista da albarda, da canga e do arrocho. Vota na lista dos malandros que montam n'elle sem a menor cerimonia.

Vote, mas ha de ouvir as verdades.

4.º As irmãs da caridade não teem caridade nenhuma. Provou-o a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães. Provou-o a irmã de Norberto Ferreira Vidal. Provaram-n'o as dezenas de casos horrorosos que contámos nos nossos supplementos. As irmãs da caridade são um attentado contra a familia e contra a patria. As irmãs da caridade são, além das concubinas dos padres e dos jesuitas, um elemento de força social e politica nas mãos do jesuitismo, e como taes um elemento destruidor de todos os nobres sentimentos da especie, de todas as qualidades distinctas do genero humano. Isto mesmo foi dicto pelo proprio *Campeão das Provincias* quando não lhe pagavam para dizer o contrario. Disse o contrario quando dos cofres da policia secreta sahia dinheiro, como sahe hoje, para o alimentar. Tornou a dizer o mesmo quando fugiram as educandas do convento de Sá. Ahi estão os artigos que nós transcrevemos, artigos em que a companhia dos malandros espuma d'indignação contra o jesuitismo a proposito do escandalo de Sá. Hoje, porque o bispo conde lhes acenou com coisas e loisas, como lhes prometteram empregos e empréstimos, como sahem a rôdo os dinheiros dos cofres do estado para a vil maturagem comer e é preciso agradar ás altas regiões onde impera o jesuitismo, já as educandas de Sá fizeram muito bem em fugir e já o pobre Antonio Augusto Coelho de Magalhães era um doido!

Votem, votem lá se querem na lista da companhia dos malandros. Mas votam contra a santidade da familia, mas votam contra a pureza do lar, mas votam contra a patria, mas votam pelo roubo, pela trampolinice e pela infamia.

Isso é que não votam, que os aveirenses não são ladrões nem pilhas. Amam muito a sua patria e a sua familia.

5.º As irmãs da caridade nem sequer as taes economias nos trouxeram. Quaes economias? A honra não se vende. Mas, esses mesmos cobres, que diziam ser o preço da nossa infamia, onde estão elles? Não existem. Comparativamente gastou-se mais no hospital durante o ultimo anno que no anno precedente. A isso foram ter as decantadas economias.

Porém, em vez d'economias temos a desordem. O hospital é um cahos. No hospital reina a maior das anarchias a ponto da policia ter de lá intervir quasi todos os dias.

Porem, em vez d'economias temos a prostituição. No hospital entra um padre, um miseravel que sabe da historia dos roubos a umas certas irmandades, para exercer a prostituição.

Porém, em vez d'economias temos um beaterio indecente. Os pobres enfermos, em lugar da tranquillidade do corpo e do espirito teem o tormento d'uma coisa e d'outra. São apoquentados

com historias de superstições. São apoquentados com papelinhos bñtos e sagrados. São atormentados com indulgencias e com rezas.

E' isso que se chama religião. Servir a Deus é ser digno, é ser honrado, é ser caritativo e amigo dos pobres, é ser forte d'espirito no bem e na virtude, é ser generoso d'alma e franco de character. Ora as irmãs da caridade renegam os paes enfermos, as mães moribundas e os irmãos abandonados. As irmãs da caridade combatem a familia, a patria e a liberdade. Ora o Manuel Firmino é um ladrão, o José Eduardo de Almeida Vilhena é um porco e um desavergonhado, o fernando cego um gatuno reles, o pilecas um cynico, e assim todos os outros miseraveis que defendem e apoiam as irmãs da caridade.

São esses os religiosos? São esses os bem aventurados e somos nós os atheus e os impios?

Hypocritas, vis hypocritas, bandidos hypocritas, que não teem feito senão especular com as crenças sinceras do povo.

6.º As irmãs da caridade não são tal acceites e favorecidas pela republica franceza. A republica franceza tem secularizado todos os hospitaes. Se tem galardoado uma outra irmã da caridade, é porque não ha regra sem excepção. Nas piores classes apparece gente boa e honesta. Mas como principio, mas como instituição não admite, nem podia admitir as filhas de S. Vicente de Paulo.

7.º De sobejo temos provado em successivos artigos de fundo o que representa o clericalismo no mundo. Uma coisa é religião, outra coisa é abuso de religião. O jesuitismo é o abuso. E o jesuitismo é a coisa mais damniuha e horrorosa que tem vindo ao mundo.

Tal é o resumo da questão. Eis a summa das razões adduzidas e dos agravos recebidos no triste conflicto que se levantou em Aveiro. O povo vae julgar.

A circumstancia de se realisar a eleição, a que tanto se oppunha a companhia dos malandros, representa já um triumpho da opinião publica. Outro triumpho, e grande, é a demissão do provedor Almeida Vilhena. Que diga o tartufo o que quizer. Que doure a pilula como melhor o entenda. O facto é que foi posto fóra do hospital, como vae ser posto fóra d'Aveiro por causa da questão jesuitica. Douraram-lhe a pilula? Nem por isso a expulsão deixa de ser um facto patente e real.

Dois triumphos, mas não se illuda o povo. Obedecem ás ordens do ministro Mas as maroteiras é que não cessam. Estejamos preparados para tudo. Elles não de falsificar, elles não de atraiçoar, elles não de roubar. Elles não de ameaçar. Elles não de recorrer a todos os extremos.

Sr. José Luciano de Castro, havemos de pedir a v. ex.ª rigorosas contas dos actos infames que os seus delegados vão praticar! Descance v. ex.ª

Entretanto, que permaneça o povo tranquillo no seu direito, que o direito é tudo. Nada de receios, que nada temos a receiar. Nada de hesitações, que a companhia de malandros não mette medo a ninguém. Conservem-nos tranquillos e firmes, e todas as manobras do bando cahirão perante essa attitude correctã e digna.

A' urna pela Patria!
A' urna pela Liberdade!
Viva o Povo!

AS ELEIÇÕES DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

A vida dos povos é como a vida dos homens: a vida dos homens não differem em coisa nenhuma da vida de todos os seres organizados. A planta nutre-se procurando com as suas raízes um solo rico em materiaes nutritivos que ella absorve; o animal, como diz um physiologista, introduzindo os materiaes nutritivos n'uma cavidade do seu corpo, onde são absorvidos por uma espécie de raízes interiores. Se o solo for pobre, se os materiaes forem deficientes, a planta deflue e o animal desfallece. Tira-se ao ar o oxigenio de que elle precisa, esse agente indispensavel de todas as combustões, e as flores cahirão murchas na terra, como o homem descerá da magestade de rei d'obração ao rachitismo misero e triste d'um producto degenerado, que arrasta a vida como castigo de Deus e não como o fructo maduro, delicioso e bello da natureza rica e luxuriante. A luz apaga-se, o fogo extingue-se, a vida cessa nas suas manifestações de crescimento, de força, de vitalidade. E no espaço immenso dos céos gira mais um globo vazio e frio, tumulo horrendo, nú de inscripções de gloria, tumulo d'um mundo imprevidente, ou d'um mundo infeliz.

São assim as pequenas collectividades, os pequenos centros, os povos, poucos ou muitos, na sua evolução philosophica, social e politica.

Oh! quem lhe dêra possuir, a quem trãça estas linhas, o condão dos grandes talentos para esboçar hoje esse grande quadro de cambiantes de vida; ora o apogeu da virilidade, ora a dôr cruciante que inspira a velhice senil! ora a vida subindo, subindo, até ás cumiadas da força, da grandeza, da saude potente que dá um grande cerebro n'um corpo athletico, um grande coração n'um peito rijo e largo, oxigenio puro que alimenta a mesma materia que modifica e queima, luz rutilante, fogo intenso, ora descendo, descendo, da escrofula á tísica, cabeça de Mephistopheles em arco de rabeça, (1) coração de gato em peito reintrante, descendo, descendo, estatura baixissima, descendo, descendo, acido carbonico em gruta de cão.

Oh! quem lhe dêra a habilidade do artista eximio para photographar na sua terra humilde esses cambiantes da vida humana! Photographa-los, e, arrancando a chapa, dizer ao povo que o cerca:

«Aqui tens o teu retrato moral. O teu retrato historico é esse. Foste gigante e hoje és pygmeu. Foste valente e hoje és um poltrão. Foste rico e hoje és um faminto. Foste cavalheiro audaz e activo. E hoje, ó vil, ajoelhas aos pés de truaão de palácio, expulso de reles, excremento d'uma geração que se foi, symbolo pôr lre d'uma civilisação que nós apagamos, expulso outr'ora, mas pairando ali como judeu errante para castigo de tantos peccados, do castello, já hoje abatido, dos nossos senhores.»

Quem lhe dêra poder convencer este povo tão doentio de que tambem o cancro se arranca e mata, de que tambem o escrofulismo se cura!

Não vão longe os tempos da nossa gloria. A flauta do pastor lusitano não teve medo das victorias dos consules cesarianos para emmudecer nos seus cantos d'independencia nacional. E enquan-

to todo o mundo currava a cerviz ao poder immenso de Roma, a lberia, e principalmente este canto do occidente, soltava bem alto o grito da liberdade e trocava o bordão pastoril pela espada do combate em campo aberto.

Talabrica foi das mais heroicas na resistencia! Talabrica não se rendeu! E só cahiu com os muros das suas fortalezas, com as pedras dos seus baluartes.

Era essa a primeira onda conhecida do fluxo e refluxo dos destinos d'esta terra infeliz. Começava ali o vai vem d'uma existencia cortada de dores, cheia d'alternativas de grandeza e de decadencia. A dizima periodica da sorte d'Aveiro, que nunca chegou á aproximação desejada e que n'este momento se fecha com o algarismo Manuel Firmino! Não irá mais longe a aproximação?

Talabrica cahiu e foi arrazada até aos alicerces. A espada do conquistador não teve dó. Nem as bellezas incomparaveis do Vouga adoçaram o coração do tyrano! Ah! que nos ficou semente d'essa dureza e d'esse cynismo! Volton ao seu antigo esplendor a velha cidade do Vouga? Perde-se a resposta nas brumas cerradas do tempo. Atravez da escuridão da historia, mal se cõa um reflexo desbotado de luz para nos guiar no labyrintho immenso. O que se sabe é que a morte não fõra de degenerescencia psychico-physiologica. O sangue era bom; o ar era puro; e o que restou d'essa tormenta de devastação e conquista tinha em si a força procreadora d'uma raça forte e altiva.

Talabrica desapareceu, emfim, no marulhar d'este oceano da vida. Mas como Antheu, que tirava da queda novas forças e novos recursos, assim no local aproximado do gigante abatido surgia uma nova cidade, que havia de ter, como a outra, dias de um esplendor que parecia ser infinito, d'uma gloria que queria ser eterna, d'um progresso que se similhava inabalavel e firme. Illusão d'optica nos areas da existencia humana. Que os tem grandes, que os tem largos, mais enganadores na esperança, mais crueis na decepção, mais phantasticos nas imagens illusorias e falsas, na reflexão, que mais se rendilha d'atavios pomposos para mais cruelmente enganar; são mais terriveis e mais repetidos esses areas na existencia humana e na existencia dos povos, quasi bellos ao começar, monotonos uma duzia de passos andados, suffocantes no meio, são mais terriveis, e mais raros os oasis, que nas planicies vastas da Africa ardente. Quantos não teem corrido atraz da miragem, para cahirem extenuados e mortos de sede?

Mas, embora, paremos aqui n'um oasis formoso. Não lhe colhemos os fructos agora? Que importa? Já os saboreámos, já foram nossos. E tão grata é a sua influencia que nos parece colhe-los de novo quando fixámos n'elles todo o nosso espirito. Então o mundo exterior esquece para nós. A vista não vê, o ouvido não ouve. O espirito võa para outras regiões. Embebe-se n'outras idéas. Absorve as paginas da historia e o panorama da grandeza d'Aveiro, a agua crystalina que cahe da montanha, o rouxinol que trina de dentro dos bosques, o cedro que se debruça a beijar a natureza, a riqueza e a frescura d'esse oasis que surgiu com a varieda-

de e o extraordinario que os outros não teem, passa-nos deante dos olhos para nos receber as delicias d'alma.

Eis a epopèa d'um povo. O genio portuguez, immortalizado por Camões cantando ao peito illustre lusitano a quem Neptuno e Marte obedeceram, resouo nos ultimos confins da terra. Para o trabalho homerico, collossal, que elle representou, esse trabalho enorme de civilisação, que devassou os sertões d'Africa fechados á luz e ao trabalho do mundo, que franqueou a Asia ao commercio e á industria europeia, que accordou a China da sua immobilidade, que estimulou Colombo a descobrir a America, todos concorreram com a sua actividade, todos depozeram uma pedra no edificio immenso.

Aveiro foi das mais decididas, das mais arrojadas, das mais entusiastas. As suas naus poderosas sulcaram os mares e poucas apresentaram em linha de batalha, nos combates da paz, nas luctas do commercio, uma esquadra tão lusida e tão numerosa. Mais de sessenta sahiam annualmente d'aqui para a pesca do bacalhau. Caravelas sem nome largavam a barra de Aveiro em busca das especiarias da India. Os nossos estaleiros trabalhavam constantemente nos famosos galões que iam despertar nas solidões do Oceano as scenas de heroismo nos trabalhos da paz e nos trabalhos da guerra que o mundo conhece. Os pescadores aveirenses eram dos mais destemidos. Foram dos primeiros a explorar o celebre banco da Terra Nova, chegando-se a attribuir ao seu tacto maritimo e ao seu nunca desmentido arrojo a descoberta d'aquellas paragens. João Affonso immortalisa o nome da sua terra com a fama das suas façanhas. O genio dos marinheiros de Aveiro personifica-se no famoso piloto de Diogo Cam, do descobridor de Benin, que prevê a gloria futura das grandes descobertas nacionaes, como a vivacidade do espirito patrio, o arrojo, a ousadia, o valor militar se identifica em Antonia Rodrigues, o soldado celebre de Mazagão.

Eis a epopèa d'um povo.

Ha n'esse impulso gigante que nos elevou a população de primeira cathogoria e de primeira grandeza, que sulcou os mares dos nossos navios, que esculpiu o nome dos marinheiros d'Aveiro nos mais largos empreendimentos da vida industrial e aventureira d'então, a manifestação evidente d'um meio feliz, d'um solo rico em materiaes nutritivos que os seres organizados absorviam. A geração portugueza estava no apogeu da saude, da força, do vigor psychico-physiologico. O arrojo, a audacia, o emprehendimento eram o caracteristico d'essa raça de gigantes. Por toda a parte a febre das aventuras, das descobertas, do commercio, do progresso, emfim. E n'esse fluxo de civilisação, Aveiro teve um logar illustre, muito illustre, sem duvida proeminente.

Porém, em breve a corrupção do meio physico, o desequilibrio do meio social, trouxe o rachitismo, a doença e a morte. Rachitismo, a agua crystalina que cahe da montanha, o rouxinol que trina de dentro dos bosques, o cedro que se debruça a beijar a natureza, a riqueza e a frescura d'esse oasis que surgiu com a varieda-

de e o extraordinario que os outros não teem, passa-nos deante dos olhos para nos receber as delicias d'alma.

Ei-la ahí, pobre fidalga decahida, de manto esburacado e sapatos sem solas, cheia de sezões e de febre, estendendo a mão á caridade publica. Descendo... descendo... acido carbonico em gruta de cão. E se consegue livrar-se de morrer asphixiada, ella ahí vae de cabeça tonta aos trambolhões pelo campo. Debalde o medico amigo pretende ampara-la, pretende ergue-la, pretende restituí-la ao antigo esplendor. Embrutecida pelo alcool barato da taberna viscosa, pelo soffrimento da fome, por tantos baldões da miseria, não ha esforço generoso que restitua a razão, que possua outr'ora, aquella cabeça perdida. Quando muito um lampejo de luz, um semi-clarão. D'ahí por deante é impossivel a lucta.

N'essa bebedeira do espirito, produzida pelo envenenamento lento dos seus pantanos mephiticos, envenenamento que lhe matou sete mil habitantes, e que deixou os restantes, na sua maioria, perturbados e cegos, como se vê, parece que houve um momento lucido, uma esperança momentanea e rapida de cura definitiva. Foi n'outra grande phase da nossa historia. Foi no curto cyclo das campanhas da liberdade. Então Aveiro pareceu acordar da sua lethargia profunda. Então a sua raça, n'uma sacudidella de leão, ainda arremessou á historia com exemplares formosos e bellos:—os Souzaes, os Sachetis, os Moraes, Mendes Leite, e os Coelhoes de Magalhães. Não admira; dos pantanos tambem surgem flores ricas de côres e admiraveis de belleza; mas a flôr desaparece desfeita pelo menor accidente, e a rã é que fica o habitante continuo do charco, offerecendo como unico prazer ao viandante que ousa approximar-se d'alli o coaxar monotono e persistente.

José Estevão Coelho de Magalhães foi a ultima synthese da velha magestade de Aveiro. Vibrante de vitalidade, ora tropejando contra os baluartes do despotismo que pretendiam fechar-lhe em recinto estreito aquella alma enorme que não cabia n'este paiz, ora deixando-se subjugar quando a democracia lhe deixava livre o espaço que o seu espirito reclamava, era o nosso mar orgulhoso e livre que tanto leva d'assalto as muralhas dos homens quo o pretendem deter, como se espreguiça languidamente na areia quando lhe não põem obstaculos na frente. A snavidade do seu caracter, era esta doçura calma da natureza, tão encantadora em manhã do outomno, quando as aguas paradas reflectem em baixo o fundo azulado do céu, o branco da casaria aseada e as pontas esguias da arvore que borda a estrada. A vivacidade do seu temperamento, era esse tic da nossa mulher do povo, esse marulhar de vozes alegres, de dictos picantes, de sentenças espirituosas e frescas, de respostas vivas e promptas, que se erguem n'um impulso de vida, n'um chilrear sonoro, n'uma harmonia deliciosa de gorgeios e trilos ao romper o dia de cada domingo nos mercados da nossa pobre inas formosissima terra. Era esse conjunto de cambiantes naturaes e humanos que formavam o fundo d'aquelle typo soberbo, ora impetuoso, ora manso e calmo; ora arrebatado, ora prudente; ora emmagador n'uma eloquencia que cabia sobre os adversarios

como agua espumante de cachoeira potente, ora fulminante no aparte cheio d'ironia e verve; ora enervico nas grandes crises da patria, ora preguiçoso e frouxo; volavel á superficie, coherente, constante, inabalavel nas suas convicções lá no fundo d'aquella consciencia larga e vasta. Até physicamente José Estevão representava as qualidades da sua raça. Era um specimen perfeito do atavismo indigena. Assim como moralmente havia na sua pessoa a valentia e o arrojo de Antonia Rodrigues, a capacidade e o patriotismo de João Affonso, assim nas linhas d'aquella cabeça, d'aquella fronte, d'aquella corpo musculoso e viril havia os traços caracteristicos do marinheiro heroico que em todos os recantos do Oceano assignalou e honrou o nome de Aveiro.

Não é só a synthese; José Estevão é a historia toda da sua terra. Perguntae ao povo se conhece a architectura de Palermo; as recordações orientaes e a litteratura islamita de Cordova e de Granada; os heroes de Lepanto, os thesouros artisticos do palacio dos Doges; as lendas de Jerusalem; os salgueiras de Babyloonia. Assim conhece a historia do seu berço natal. Mas conhece José Estevão, como o paiz conhece Camões? Então deixae-o. Erguei a estatua. Depois leva-lo-heis pela mão bem em frente. Apontae e dizei-lhe: «Alli tens o livro da tua historia.» Elle que fite o vulto magestoso. Retratae-lh'o na mente. E o povo terá lido a epopèa da sua patria amada. Da mesma maneira que os soldados de Dio procuravam nas estrophes de Camões o alento para o animo perdido e a resurreição da coragem que lhes morria, assim o povo de Aveiro deveria inspirar-se no vulto gigante de José Estevão para readquirir o brilho passado e a gloria antiga. Mas... a flôr mimosa do pantano durou só um dia e ficou-se ouvindo perpetuamente o coaxar sinistro da rã. Houve um homem que nem foi poeta, nem foi escriptor, nem foi orador, nem teve em coisa nenhuma o minimo valor intellectual. E esse homem espesinou, babou, derrotou e venceu o grande orador da liberdade com applauso dos aveirenses. Esse homem nem sequer deu um bom feitor de propriedades. Arrasou a famosa alameda de Santo Antonio. Estragou a bella alameda da estrada d'Arada. Inutilisou o largo do Rocio. Estropeou o quartel de cavallaria, que é uma chaga pegada e viva. Esse homem é um bruto. Esse homem nem sequer é liberal. É um puro bandido. Esse homem nem sequer é honesto. É um refinado ladrão. Esse homem é um monturo, é uma podridão, é um burro pôdre com rabo de palha. Pois esse homem cospe na sepultura do grande orador da liberdade, insulta a memoria de José Estevão, com applauso d'uns torpes, d'umas rãs notentissimas e fetidas que se dizem cidadãos da cidade de Aveiro. Bem dizia o poeta:

Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes Alguns traidores houve algumas vezes.

Ou Cesar, ou João Fernandes! Descendo... descendo... acido carbonico em gruta de cão. A bebedeira dos espiritos.

Misero povo!
Triste povo!

to
ão

(1) Vido Trinea Espinhas.